

passageiro do fim do dia: da forma moderna do romance às relações modernas de trabalho

Passageiro do fim do dia: from the novel's modern form to modern work relations

Wesley Lucas Batista da Silva*

Resumo

Este trabalho é uma reflexão acerca das relações entre literatura e sociedade, no que concerne ao romance moderno e(m) sua vinculação com o mundo moderno do trabalho. O objetivo é investigar, a partir da obra *Passageiro do fim do dia* (2010), de Rubens Figueiredo, como a modernização da forma do romance acompanhou, em paralelo, a modernização das relações trabalhistas. Para isso, partiremos da concepção marxista de luta de classes, na qual, segundo nossa hipótese, o autor se apoia para fazer uma

* Graduando em Letras – Português e Literaturas pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

E-mail: wesleylucsb@hotmail.com

Artigo recebido em 26/08/2018 e aceito para publicação em 19/11/2018.

opiniões

crítica a essas relações de trabalho bem como ao Capitalismo.

Palavras-chave

Literatura brasileira; Teoria da Literatura; Romance moderno; Modernidade; Capitalismo

Abstract

This work is a reflection on the relations between literature and society, in what concerns the modern novel and (in) its connection with the modern world of work. The objective is to investigate, from Rubens Figueiredo's *Passageiro do fim do dia* (2010), how the modernization of the form of the novel accompanied, in parallel, the modernization of labor relations. In that sense, we will start with the Marxist conception of class struggle, in which, according to our hypothesis, the author relies on a critique of these labor relations as well as Capitalism.

Keywords

Brazilian literature; Literature theory; Modern novel; Modernity; Capitalism

1. A forma e o meio

Na história dos estudos literários, precisamente no que diz respeito à atividade crítica, as perspectivas de análise oscilaram sempre em conformidade com o tempo e com as necessidades de cada época. No século XIX, por exemplo, influenciada pelos métodos positivistas, a crítica predominante julgava o conhecimento do meio como indispensável à compreensão da obra, associando o valor dela, inclusive, à sua capacidade de expressar ou não algum aspecto da realidade. No século seguinte, na contramão do anterior, surge, com as correntes críticas formalistas e estruturalistas¹, uma crescente desconsideração por tudo aquilo que não compete à interioridade do texto, isto é, à sua forma, levando o conhecimento do meio à condição de dispensável para a leitura e compreensão de textos literários.

Com o passar dos anos e o conseqüente amadurecimento dos estudos literários, nem um nem outro caminho mostrara-se como a saída, cabendo aos críticos recorrerem à dialética entre ambos, como o fizera Antonio Candido² (2006, pp.12-13), para quem a resolução do impasse estava na aproximação entre literatura e sociedade, entre texto e contexto, sendo o estudo daquele, enquanto etapa fundamental do processo interpretativo, o ponto de partida, e o estudo deste, o ponto de chegada. Sob essa perspectiva, obra e meio, texto e contexto se unem, enquanto unidade, à medida que os fatores externos se constituem como elementos da

estrutura interna da obra, só devendo ser levados em consideração enquanto tais.

Nesse sentido, este trabalho se ocupa de ler com atenção o romance de Rubens Figueiredo, *Passageiro do fim do dia* (2010), analisando, através da sua estrutura íntima, os fatores externos que se superpõem no interior da obra, e que suscitam, por isso mesmo, reflexões que nos levam a pensar não apenas na forma moderna do romance, mas também nas relações sociais, sobretudo as trabalhistas, implicadas pela modernidade, num movimento dialético que pretende unir a literatura às questões de nossa sociedade e de nosso tempo.

2. Ponderações sobre o gênero romance

Nascido e criado pela burguesia, o romance surge com o mundo moderno logo depois de desfeita a civilização agrária e a ordem feudal. Não tendo se firmado como a “epopeia da modernidade” ou a “nova epopeia burguesa”, como imaginara Hegel, o gênero se configura, antes, como a “antiepopeia do desencantamento, da vida fragmentada e desagregada” (MAGRIS, 2009, p.1019), uma vez que representa uma época de conflitos que desagrega toda a ordem e em que se situa uma luta dos mais fortes contra os mais fracos.

Essa quebra da condição “originariamente poética” do mundo – na qual os heróis das

epopeias pareciam viver em harmonia, num mundo poético, com valores insubstituíveis, “rico de significados e de poesia” – essa quebra provocada pelo surgimento do romance, se efetua, segundo Magris (2009, p.1017), parafraseando Hegel,

com a moderna idade do trabalho, um estado adulto que prescreve fins objetivos, aos quais o indivíduo deve propender mesmo contra a sua individualidade, adequando-se ao progresso social que exige a sua especialização – ou seja, a restrição de seu desenvolvimento pessoal, a renúncia à formação completa de sua personalidade – em favor de um aumento unilateral de sua capacidade de especialização profissional.

Contra a própria individualidade, porque reféns de um sistema que as obriga a ser apenas mais um parafuso na engrenagem, as personagens de Rubens Figueiredo vivem reféns do trabalho. Na obra, não há harmonia, tampouco poesia. O desenvolvimento pessoal é sempre atropelado pela necessidade imediata e básica de sobreviver, o que encontra barreiras num sistema (capitalista) que, quanto mais se denuncia, mais se mostra fortalecido.

O que podemos observar no romance de Rubens é a representação de um mundo caótico cada vez mais “impossibilitado de instaurar valores”

opiniões

(MAGRIS, 2009, p.1019) e de atribuir sentidos à vida. Nisso, as pontas entre o mundo moderno e a forma moderna do romance se unem: se esse mundo é caracterizado pela desordem e pela fragmentação, esse romance, sendo produto dele, não poderia deixar de sê-lo.

É por nascer dessa ruptura com o mundo idealmente organizado que o romance a reproduz em sua estrutura íntima. A fragmentação da narrativa, mas também do tempo e das personagens é um retrato do mundo que se acostumou a se ver – e a se identificar apenas – diante de um espelho quebrado, onde só é possível ver estilhaços, mas nunca uma totalidade.

3. Um romance moderno

Ao pensarmos o romance moderno, que tem suas balizas na pintura do mesmo período, notamos que a perspectiva, que projetava "o mundo a partir de uma consciência individual", da "ilusão do absoluto", esmoreceu (ROSENFELD, 1986, p. 77-78). "A cronologia, a continuidade temporal foram abaladas, 'os relógios foram destruídos'" (p. 80). Passado, presente e futuro se fundiram, de modo que a volta ao passado deixou de ser um *flashback* e a ida ao futuro, uma miragem. No tecido da narrativa, esse tempo, agora fundido, se formula entre idas e voltas, regressões e avanços como se tudo se passasse no presente. O espaço, por sua vez, "sempre manipulado como se fosse absoluto" (ROSENFELD, 1986, p.81) foi denunciado como relativo e subjetivo.

Somado a estes dois aspectos, de tempo e espaço, antes tão caros ao romance tradicional, "com seu encadeamento lógico de motivos e situações, com seu início, meio e fim" (ROSENFELD, 1986, p. 84), encontra-se a perda da noção de causalidade. Agora, "a consciência passa a manifestar-se na sua atualidade imediata, em pleno ato presente" (p. 84), fazendo com que desapareça a "ordem lógica da oração e a coerência da estrutura que o narrador clássico imprimia à sequência dos acontecimentos" (p. 84), o que decorre "do uso de recursos destinados a reproduzir com a máxima fidelidade a experiência psíquica" (p. 84).

Ora, não sendo possível ao ser humano captar o mundo de forma objetiva, linear, com fatos sucessivos e organizados, um após o outro, sem a contaminação de episódios e pensamentos que ocorrem em simultâneo, inconscientes ou não, "espaço, tempo e causalidade foram 'desmascarados' como meras aparências exteriores, como formas epidérmicas por meio dos quais o senso comum procura impor uma ordem fictícia à realidade" (ROSENFELD, 1986, p. 85).

É em torno desta desrealização que se situa o romance de Rubens Figueiredo. Passando-se em algumas horas, especificamente, *do fim do dia* até o anoitecer, no interior de um ônibus, a narrativa rompe com as noções de tempo e espaço do romance tradicional, o qual se estendia a narrar dias, meses, anos, dentro de um número ilimitado de lugares.

Escrito sem a separação de capítulos, o que ilustra, estruturalmente, o desgaste da viagem, a qual é feita sem intervalos (VELLOSO, 2017, p. 336), o romance é narrado em terceira pessoa, a partir da perspectiva de Pedro, um rapaz de classe média, morador do centro da cidade, que utiliza o transporte público, todas as sextas-feiras, num percurso distante e demorado, para encontrar a sua namorada, Rosane, de classe baixa, no Tirol – bairro onde ela mora, localizado na periferia da cidade.

O enredo se constrói a partir da leitura que o protagonista faz de um livro de Darwin e as reflexões que ela suscita; da reflexão sobre a vida dos demais passageiros, a qual ficcionaliza à medida que os observa; das informações que chegam até ele através do rádio que o entretém; e, finalmente, por meio do motivo que o pôs ali no ônibus: Rosane e o lugar onde ela vive, com seus problemas e tensões, os quais ajudarão a compor a desigualdade social, questão central do livro.

Quase numa obsessão, o foco narrativo se voltará – através de Pedro – para os personagens mais pobres³, com seus dramas e tensões, em relação aos mais abastados, no que poderíamos apontar para uma luta de classes, na qual quem tem mais poder luta violentamente para manter seus privilégios, e, desse modo, inviabilizar, a todo instante, qualquer possibilidade de ascensão social da classe trabalhadora.

Isso Marx e Engels (1998, p. 40) já analisaram no *Manifesto Comunista*, quando observaram que a história das sociedades humanas é, também, a história – ou uma história – da luta de classes:

Homem livre e escravo, patricio e plebeu, barão e servo, mestre de corporação e companheiro, numa palavra, opressores e oprimidos, em constante oposição, têm vivido numa guerra ininterrupta, ora franca, ora disfarçada; uma guerra que terminou sempre, ou por uma transformação revolucionária, da sociedade inteira, ou pela destruição das duas classes em luta.

Luta pela qual os mais fracos saem cicatrizados e os mais fortes, fortalecidos, o romance ilustra, através da caracterização das personagens, já nas primeiras páginas, as marcas deixadas por essa violência, o que pode ser constatado na mulher de idade mais jovem do que aparentava, que “não tinha os dentes incisivos na arcada inferior” (p. 10); no rapaz que tinha os “dois dedos da mão paralisados” (p. 10); no homem, de uns quarenta anos, “marcado no antebraço por uma cicatriz marrom de queimadura” (p. 10); na trocadora, “quase uma anã” (p. 16); no “homem com um olho coberto por um curativo” (p. 16); na mulher de uns quarenta e cinco anos “com uma verruga grande e peluda logo abaixo da orelha” (p.49) etc.

Em uma leitura atenta, mapeando as profissões que aparecem no interior do romance, que

opiniões

reiteram a relevância da questão da luta de classes para a fatura da obra, identificamos mais de setenta postos de trabalho⁴, excetuando-se as repetições, entre empregos formais e informais, legais e ilegais, onde essa luta aparece, ora velada, ora ostensivamente⁵.

É difícil acreditar que a luta de classes aqui seja uma questão arbitrária, posta por acaso pelo autor. Todavia, não podemos precisá-la com exatidão ao tomar como base apenas a lista das ocupações que aparecem ao longo do romance. Por outro lado, os episódios nele narrados reforçam o nosso argumento, como a passagem que narra o primeiro emprego de Rosane:

Foi nessa mesma firma, poucos anos depois, que Pedro conheceu Rosane. Era copeira, fazia faxina, mas também atendia telefones, ficava na recepção e, quando pediam, fazia até alguns serviços no computador, pois tinha frequentado um curso gratuito e sabia mexer nos principais programas. (FIGUEIREDO, 2010, p. 47).

As condições do trabalho e do trabalhador, caracterizadas por uma luta velada do empregador contra o empregado, figurado aí por Rosane, materializam um aspecto das relações trabalhistas na sociedade capitalista: uma trabalhadora exercendo funções para além daquela a que foi contratada, sem qualquer bonificação.

Mais adiante, ficamos sabendo que, nesse mesmo escritório, onde Rosane já não trabalhava mais, certo dia

surgiu uma vaga para serviços bem simples, de limpeza e de cozinha, qualquer trabalho braçal. Pagavam o salário mais baixo possível, descontado de todas as formas possíveis, como sempre acontecia. E às vezes pediam para trabalhar fora do horário, sem nunca pagar hora extra, como também sempre acontecia. Mesmo assim, ali, como em toda parte, achavam que já estavam pagando muito, que a despesa era excessiva, que os impostos eram altos, que as pessoas não sabiam economizar, que uma empresa moderna tinha que ter poucos empregados ganhando o mínimo possível. Mas, no fim das contas, davam vale-transporte, tíquete-refeição, carteira assinada, férias, décimo terceiro salário – e pagavam em dia. (FIGUEIREDO, 2010, p.60).

Ora, fica evidente que, não bastando as condições degradantes nas quais vive o trabalhador, é preciso remunerá-lo com o salário mais baixo possível – o que não dá direito a reclamações, dados os benefícios e a pontualidade do pagamento. Isso se configura como outra característica da sociedade capitalista, na qual, não tendo nada a oferecer além da sua força de trabalho – sendo esta, portanto, uma mercadoria – o trabalhador vende os seus serviços – na forma de

trabalho assalariado – àqueles que detêm os meios de produção, que negociam conforme os interesses do grande capital – fato que contribui para que essa força de trabalho alcance seu nível mais baixo quando reduzida ao "valor dos meios de subsistência absolutamente indispensáveis". Desse modo, "como o valor da força de trabalho se baseia nas condições de uma existência normal, seu preço é, nesse caso, inferior ao seu valor" (LOPES, 1986, p.55).

No prosseguimento da narrativa, outro episódio aconteceu a Rosane nos chama a atenção. Certa vez, devido aos esforços repetitivos com que trabalhava na fábrica de copinhos de plástico, ela fraturara o braço, precisando engessá-lo, sob o risco de ter de trabalhar até que sua mão caísse, como diagnosticara o médico. As consequências não são imprevisíveis:

Rosane foi demitida pouco depois das duas semanas do atestado. Descontaram como faltas os dias que não trabalhou antes de engessar o pulso [...], o lanche que ela comia, luvas que rasgaram na sua mão, toucas de pano que ela perdeu, descontaram copinhos que se haviam furado na esteira, descontaram as sapatilhas, da cor dos copinhos, que tinham furado as solas no piso quente de ferro – descontaram minutos de atraso, na entrada e no almoço, catados com pinça metálica, centavo por centavo, ao longo dos

últimos quatro ou cinco meses. (FIGUEIREDO, 2010, p. 158).

Além de Rosane, outros personagens – porque inseridos no sistema capitalista – foram vítimas da violência das empresas e dos grandes empresários, como pode ser observado no caso do pai de uma amiga de Rosane que:

trabalhou quase vinte anos numa firma que de dois em dois anos fechava e reabria em seguida com outro nome e outro registro de pessoa jurídica para não ter de pagar os direitos trabalhistas aos empregados e poder fugir dos impostos. De repente o dono faliu, disseram: fechou as portas de verdade. O dono da empresa foi morar no exterior com a família inteira, pelo que diziam. E o pai da amiga de Rosane, como os outros empregados, ficou sem indenização nem aposentadoria – tudo parado para sempre na Justiça. (FIGUEIREDO, 2010, p. 57).

Fica visível por este excerto que as condições do trabalhador, ainda que não tratadas direta e criticamente pelo narrador – este não imprime qualquer posicionamento crítico acerca dos episódios mencionados, mas, pela minúcia de detalhes, nos leva a inferir que o seu objetivo é chamar a atenção do leitor – nos direcionam ao que vimos aqui propondo: a luta de classes entre o empresário (e as grandes empresas) e o trabalhador.

opiniões

A partir de e em meio a esse conflito, o narrador buscará compreender a razão de a classe média ter chegado à posição de classe média. Como resposta, longe do discurso falacioso da meritocracia, temos, de um lado, um “bem estar” adquirido a partir de uma herança, como é o caso de Pedro, que “morava num apartamento [...] próprio que a mãe herdara do marido, um funcionário da justiça que ao morrer por causa da diabete também lhe deixara uma pensão” (p. 43), e de outro, um “bem estar” adquirido por nepotismo, como são os casos de Júlio, que “trabalhava numa firma de advocacia bastante próspera, onde havia estagiado graças à indicação de um parente” (p. 45) e da mulher do professor, ex juiz, que, “por meio de amigos, arrumou um emprego para a mulher num tribunal. O importante, no caso, era que ela recebia o salário sem nunca precisar comparecer ao trabalho. E assim foi, até ela se aposentar, havia alguns anos” (p.129).

Pedro, tendo mais ou menos consciência de seus privilégios, o que fica claro através de um distanciamento com que conta a história, em que “jamais poderia ser um deles” – isto é, como aqueles pobres que iam com ele dentro do ônibus – nota que, apesar dessa luta injusta e desigual pela sobrevivência, muitas daquelas figuras resistiam e se opunham o máximo que podiam à força que se movia contra eles, “de todas as direções, sem descanso”, força esta que “não dependia do raciocínio nem da opinião de ninguém” (p. 149).

Dessa resistência, destaca-se, dentre outras personagens, Rosane, “que não parava de inventar planos. Na maioria, a respeito de cursos que ela ia fazer, depois de concluir o ensino médio” (p.181), embora encontrasse, para tudo o que planejasse, “obstáculos por todos os lados”, por exemplo, pelo fato de que “ela trabalhava em horário integral e, para estudar, só restavam as noites e os fins de semana” (p.181).

Num parágrafo que poderíamos chamar de síntese da obra, temos uma representação dessa luta e, sobremaneira, dos muros simbólicos estabelecidos a partir delas:

Em suma, tudo aquilo – o trabalho, a escola, saber ler e escrever, o centro da cidade, a cidade propriamente dita, com seus bairros e suas atividades oficiais – tudo pertencia ao mundo que as deixara para trás, que as empurrara para o fundo: era o mundo de seus inimigos. (FIGUEIREDO, 2010, p. 56).

Os muros simbólicos estão por toda parte, e são eles, também, os responsáveis pela estratificação das classes, à medida que reproduzem, no espaço urbano, a distinção entre os diferentes grupos sociais: os mais abastados no centro da cidade; os mais pobres, à margem, na periferia.

Bourdieu (2003) não vê nisso mera ocasionalidade. Para ele,

não há espaço, numa sociedade hierarquizada, que não seja hierarquizado e que não exprima as hierarquias e as distâncias sociais, sob uma forma (mais ou menos) deformada e, sobretudo, dissimulada pelo *efeito de naturalização* que a inscrição durável das realidades sociais no mundo natural acarreta: as diferenças produzidas pela lógica histórica podem, assim, parecer surgidas da natureza das coisas. (p. 160).

Fruto dessa diferença histórica – naturalizada pela sociedade, mas não pelo romance – é outra amiga de Rosane, sem nome, que, convidada a trabalhar por um período de um mês num escritório de advocacia, terminou por passar menos da metade de um dia:

Aconteceu que ali no escritório, entre as paredes limpas e pintadas em tom pastel, com reproduções de pinturas abstratas penduradas — no meio dos aparelhos eletrônicos novos que zumbiam e piscavam discretos em cima das mesas — sobre o piso de granito reluzente — debaixo das luzes distribuídas de forma calculada por um arquiteto — ali, onde todos sabiam que causas jurídicas complicadas, misteriosas, caras, recebiam os cuidados e as atenções mais especializados e onde fortunas trocavam de mão por força de simples assinaturas num documento — ali, sua vizinha e amiga de infância tomou, na mesma hora, um aspecto

incômodo, impertinente e quase aberrante aos olhos de Rosane, como aos olhos dos outros. (FIGUEIREDO, 2010, p. 72).

Estando visivelmente num lugar que não lhe pertence, denunciado pela própria descrição do espaço, a personagem – que falava alto demais, esbarrava nos objetos, bebia água diretamente na torneira, ria aos berros, embaralhava-se nas palavras – parece não ter se adaptado ao mundo moderno e do trabalho, regido pelas leis e hábitos da classe que dita as regras de etiqueta. Ao ultrapassar a fronteira deste mundo que não lhe pertence, ela é imediatamente posta para fora, com a mesma naturalidade com que um órgão alheio é rejeitado por um corpo.

Regina Dalcastagnè (2003), fazendo um estudo sobre o espaço na narrativa brasileira contemporânea, chegou à conclusão de que o espaço brasileiro atual, nessas narrativas, é predominantemente urbano, o que se deu, sobretudo, pelo processo de urbanização ocorrido no Brasil do qual a literatura se apropriou mimeticamente.

Tomando de empréstimo os dados da pesquisadora, vemos que o censo de 1960, que registrava 45% de brasileiros vivendo em cidades, cresceu pelo menos 11% em 1970, chegando a 56%, e extrapolou os números em 2000, quando alcançou a taxa de 81%. Acrescentando um dado à

opiniões

pesquisa de Dalcastagnè, o último censo do IBGE, de 2010, ano de publicação do *Passageiro*, registrou em 84% o número de moradores da zona urbana contra 16% da zona rural.

É nesse mesmo espaço urbano, preponderantemente ocupado por personagens masculinas (DASCASTAGNÈ, 2003), que as personagens do romance vão circular presas a um não-lugar, figurado pelo ônibus, no qual os passageiros andam de um lado a outro da cidade sem necessariamente estarem presentes nela.

Dentro do ônibus – curiosamente, um dos poucos espaços públicos onde é possível se reunir em coletividade, haja vista que a modernidade trouxe consigo, quando não o enclausuramento em residências cada vez mais fechadas por muros ou cercas elétricas, o cerceamento em ambientes privados como *shoppings centers* – dentro do ônibus, os passageiros pobres de Rubens Figueiredo que vão ao centro da cidade – às vezes, dito apenas *à cidade*, como se a periferia não fizesse parte desta – não se locomovem até ela sem motivo, por divertimento ou para desopilar; esses personagens vão com a única finalidade de executarem os seus trabalhos, ganharem os seus salários de fome e voltarem para casa no final do dia.

A cidade é para eles, pois, a ordem, o mundo do trabalho, e também um lugar que não lhes pertence – é “o mundo de seus inimigos”. As paisagens não existem para eles, os *shoppings*, as

salas de cinema, os teatros, os restaurantes, os parques, o litoral.

Para ilustrar esse distanciamento entre uma parte e outra da cidade, basta pensarmos na relação amorosa entre Rosane e Pedro. Antes dele, ela “nunca havia transado com um homem que morasse num bairro como aquele onde Pedro morava, um bairro, aliás, aonde ela nunca tinha ido – e ainda por cima num apartamento próprio, embora fosse da mãe” (p. 48).

Essa forma de violência simbólica se estende a todos os moradores do Tirol, que cada vez mais, do ponto de vista de Rosane, ficam em casa ou na rua, à toa:

Quase que só saíam quando precisavam ir a algum hospital ou providenciar algum documento. Ir ao centro [...] era uma coisa que algumas de suas colegas de infância achavam estranho e até ruim. [...] Havia quem nunca tivesse ido ao centro. Algumas de suas amigas que nunca tinham ido a nenhum bairro a mais de dez quilômetros de distância. (FIGUEIREDO, 2010, p. 56).

Consequência dessa segregação, em curto prazo, é a violência que acomete, no romance, os bairros Tirol e Várzea, que se hostilizavam, formando grupos cada vez maiores, os quais – na ausência da escola, da família e do Estado – acabavam por educar as crianças, que “começavam a aprender aquela raiva desde pequenas. Educavam-se com

ela, tomavam gosto e se alimentavam daquela rivalidade" (p. 54) – "pistola, revólver, até um fuzil Rosane já tinha visto nas mãos de alguns daqueles meninos".

Em longo prazo, as consequências eram outras, como o episódio que narra a história de um antigo amigo de Rosane, do tempo da escola, quando ela ainda era uma criança. O rapaz, detido numa "prisão temporária" há um ano, esperava ainda por sua sentença, "antes de ir para o presídio propriamente dito" (p. 175).

la para a escola sozinho, sujo, e também ia embora sozinho: era o único que fazia isso. Muitas vezes faltava à aula. Algumas vezes chegava com o braço lanhado, tentava esconder com as mãos os riscos em brasa na pele. Depois se soube: a mãe batia com uma vara de marmelo [...] Na escola, o menino vivia assustado. Empurrava os colegas, as meninas, puxava os seus cadernos, as folhas. Os cadernos dele viviam amarrotados, rasgados. As professoras se descontrolavam, perdiam a voz. Uma delas falava em peste, capeta. [...] Foi crescendo e não conseguiu aprender nem o alfabeto direito. [...] Quando tinha uns treze ou catorze anos, a mãe foi embora e ele ficou morando sozinho no casebre meio em ruínas, com o pé de marmelo do lado. (FIGUEIREDO, 2010, p.176).

Além deste, Rosane percebera que outros amigos "tinham ido embora, alguns estavam presos, alguns tinham morrido – quantos? Ela não fez a conta" (p.55).

A partir disso, podemos observar que a justificativa dada pelo romance para todos esses problemas – de vulnerabilidade social, que inicia as crianças no crime, por exemplo – pode ser percebida por meio da representação da escola, da escrita e da leitura, como podemos ver no excerto abaixo:

Depois de frequentar a escola durante alguns anos, algumas delas mal sabiam ler, trocavam letras, paravam no meio. Encaravam as palavras com hostilidade. Rosane lembrou-se de duas amigas de escola que agora, já adultas, conseguiam ler porque tinham aprendido quando pequenas, mas não acreditavam nem pensavam em continuar estudando. Sabia de uma ou outra que se matriculava no colégio só para obter uma declaração e poder contar com a segurança mínima desse documento. (FIGUEIREDO, 2010, p.56).

Outros, como João, hospitalizado na mesma enfermaria em que Pedro estivera internado, limitava-se ao conhecimento prático do mundo, "sabia o que era um carro, sabia o que era um caminhão", mas "não sabia ler, não conhecia a cidade em que estava, não tinha noção dos

opiniões

bairros, não se lembrava de ter vindo para a cidade nem para o hospital, nem sabia quem era o governador ou o presidente [...]” (p.72).

Muitos daqueles meninos que brincavam na rua, por sua vez, “não sabia contar os dedos das mãos. Não sabia nem quantos anos tinha. [...] Já falei com um que nem sabia dizer direito os dias da semana” (p. 91), lembrava Rosane.

O curioso na narração desses episódios é que as violências – simbólicas ou não – sofridas pelas personagens mais pobres são tratadas pelo narrador por uma perspectiva nada convencional: normalmente entendida como aquela “perpetrada contra os que possuem, não a que sofre os que nada têm” (Bourdieu *apud* Dalcastagnè, p. 34), a violência é tematizada, no romance, no que atinge aos mais pobres, e não aos mais ricos, afinal, são aqueles as reais vítimas do sistema capitalista, que os oprime e os marginaliza.

Esse ponto de vista adotado por Figueiredo, que leva em consideração a figuração do “outro”, com seus problemas e tensões, nos remete às questões levantadas por Erich Auerbach em seu importante estudo sobre a representação – *Mimesis* (1946).

Mapeando filológica e sociologicamente o cânone da “alta literatura”, que vai de Homero a Virginia Woolf, Auerbach investiga como a regra clássica da separação dos estilos – segundo a qual apenas a elite era digna de ser tratada tragicamente, enquanto que os personagens mais pobres só

eram dignos de ser tematizados cômica ou grotescamente – foi superada a partir do Realismo, que tornou possível que “personagens quaisquer da vida quotidiana” (AUERBACH, 2015, p. 500), antes indigna de representação séria, passassem a ser tratadas com problematidade e tragicidade.

Considerada por Auerbach (2015, p. 500) uma “evolução”, essa mistura de estilos, conquistada sobretudo por Stendhal e Balzac, “abriu caminho para o realismo moderno, que se desenvolveu desde então em formas cada vez mais ricas, correspondendo à realidade em constante mutação e ampliação da nossa vida”.

Essa questão nos interessa porque, do ponto de vista da figuração e representação do “outro” em nossa literatura brasileira, especialmente, o problema ainda não se encontra resolvido. Representar o cotidiano dos mais pobres com seriedade, tragicidade e problematidade, como pretendia Auerbach, ainda é uma lacuna a ser preenchida.

Ora apelando para uma idealização, como no Romantismo, do que seria o outro – o sertanejo, o índio, o gaúcho, a mulher, o negro, para citar alguns exemplos – ora reforçando estereótipos e preconceitos, a literatura brasileira quase sempre negligenciou a representação séria dessa camada da sociedade, recorrendo, a maioria das vezes, a breves pinceladas, sem problematização desse “outro” em relação ao “mesmo”.

É claro que alguns movimentos ideológicos se esforçaram para romper com essa tradição – a que restringia a mulher ao ambiente doméstico, o negro aos locais subalternos, etc. –, como é o caso do romance social de trinta, na primeira metade do século XX, que, como aponta Bueno (2002, p. 258), não passou, todavia, de um *esforço* para figurar seriamente o outro, do ponto de vista que, "geralmente oriundo das classes médias ou de algum tipo de aristocracia decaída", esse tipo de romance encontrava dificuldades justamente pelo "problema da figuração do outro só poder ser tratado com rendimento se fosse encarado exatamente como o que era: um problema" (p. 263).

É justamente por encarar a realidade das pessoas oprimidas como um problema com várias camadas e perspectivas, causas e efeitos – longe dos estereótipos e de qualquer resolução panfletária – que o romance de Rubens Figueiredo nos aparece como um ganho no que diz respeito à representação séria e significativa do *outro*. Ao por de pé estes problemas, o romance ultrapassa as fronteiras de sua forma, à medida que traz reflexões referentes ao nosso tempo.

4. Considerações finais

Com efeito, *Passageiro do fim do dia* (2010) – por meio da representação séria do *outro* – é para a

literatura brasileira um ganho, à medida que traz à tona indagações não apenas sobre a modernização da forma do romance, o meio e a sociedade, mas sobre a humanidade das personagens – e também dos sujeitos de carne e osso – que circulam sob ela.

Uma dessas questões é o darwinismo social que norteia todo o romance, ora pela representação da luta de classes, ora pela descrição das personagens, ora pela organização do espaço urbano, ora pelo uso de palavras e expressões, tais como "adaptado" (p. 8), "escala evolutiva" (p. 8) e "espécie" (p. 9) que, como observado por Velloso (2017, p.339), aludem às ideias de adaptação, evolução e sobrevivência, próprias do repertório darwinista.

Nas páginas finais do livro, no que parece ser a questão central do romance, o narrador questiona: "se uns sobreviviam e outros não, era porque alguns eram superiores?" A resposta, ao contrário do que se poderia pensar, não vem pronta, aliás, poderíamos pensar que ela circula – como um elemento volátil próprio da modernidade – por todo o romance: a cada luta entre empregador e empregado, a cada construção de muros simbólicos, a cada forma de violência.

Nesse sentido, nossa hipótese de que Rubens Figueiredo lança mão do conceito de luta de classes de Marx para compor a tessitura do seu romance, fazendo, conseqüentemente, uma

opiniões

crítica ao capitalismo, parece se confirmar. Afinal, como está posto na representação da desigualdade social, das injustiças, do nepotismo, da exploração do trabalhador, da extrema pobreza de um lado e da riqueza quase que natural do outro, há uma guerra na qual os mais fortes lutam contra os mais fracos, fragilizando-os física, moral e psicologicamente.

Não sendo superiores, mas tendo que sobreviver mesmo assim, o que resta à classe trabalhadora, como simbolicamente faz Rosane, é resistir e lutar – ou pular a catraca.

Referências bibliográficas

AUERBACH, Erich. Epílogo. In: *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 2015.

BOURDIEU, Pierre. Efeitos de lugar. In: *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 2003.

BUENO, Luís. “Os três tempos do romance de 30”. *Teresa*, n. 3, p. 254-283, 26 dez. 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2447-8997.teresa.2002.121151>.

CANDIDO, Antonio. Crítica e Sociologia. In: *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006. 9ª edição.

_____. Uma aldeia falsa. In: *Na sala de aula*. São Paulo: Ática, 1998.

DALCASTANGNÊ, Regina. Sombras da cidade: o espaço na narrativa brasileira contemporânea. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n.º 21, janeiro/junho de 2003, pp. 33-53. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/2200/1757>.

_____. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990 – 2004. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n.º 26, julho-dezembro de 2005, pp. 13-71. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/2123/1687>.

FIGUEIREDO, Rubens. *Passageiro do fim do dia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

LOPES, Moacyr C. *O capital ao alcance de todos*. São Paulo: Cátedra, 1986.

MAGRIS, Claudio (2009). O romance é concebível sem o mundo moderno? In: MORETTI, Franco (Org.) *A cultura do romance*. São Paulo: Cosac Naify. p. 1023-1028.

MARX, K. ENGELS, F. *Manifesto do partido comunista*. São Paulo: Boitempo, 1998. Tradução: Álvaro Pina e Ivana Jinkings.

ROLIM, Lilian Nogueira. A inserção da mulher no mercado de trabalho brasileiro. *Carta Capital*, São Paulo, 8 março 2018. Disponível em: <http://cartacapital.com.br/blogs.brasil-debate/a-insecao-da-mulher-no-mercado-de-trabalho-brasileiro>. Acesso em 28 de maio de 2018.

ROSENFELD, Anatol. Reflexões sobre o romance moderno. In: *Texto/Contexto I*. São Paulo: Perspectiva, 1996.

VELLOSO, Thais Fernandes. Ficção e história em Passageiro do fim do dia. *E-scrita*, Nilópolis, nº1, v. 8, janeiro-abril de 2017. pp.332-345. Disponível em: <http://revista.uniabeu.edu/index/php/RE/article/view/2351>. Acesso em: 04 de novembro de 2018.

Notas

1 Não por acaso no século em que o Formalismo e o Estruturalismo tiveram maior fertilidade, o mundo passou por duas grandes guerras. Como é por nós sabido, nesses momentos de crise política há sempre uma supervalorização da forma em detrimento do conteúdo, o que não implica para nós num juízo de valor.

2 Ver, por exemplo, o ensaio “Uma aldeia falsa” (in: *Na sala de aula*, 1998), do referido autor. Neste trabalho, depois de fazer uma análise formal da lira 77 de Tomás Antonio Gonzaga, esmiuçando a linguagem, as imagens, a sonoridade, os versos e estrofes, a tessitura do poema, enfim, Antonio Candido lança mão de aspectos biográficos do autor, sem os quais, segundo ele, “a lira seria diferente, embora sendo a mesma”, isto é, “a estrutura e a organização seriam as mesmas, mas o significado seria diferente em boa parte” (p.33). Isso porque “só sabendo que [a lira] é de Gonzaga, e conhecendo

as circunstâncias biográficas em que foi composta, ela adquire significado pleno e, portanto, exerce pleno efeito. O conhecimento da estrutura não basta”. (p.33).

3 Segundo Velloso (2017, p.334) a opção por personagens das classes baixas é um dos elementos diferenciadores da nova fase de Rubens Figueiredo – “ocorrida após o início da década de noventa” –, a qual se opõe aos modelos tradicionais dos romances policiais a que o autor estava acostumado. Nessa nova fase, há uma valorização da subjetividade das personagens, uma vez que o autor resolveu abandonar o enredo lógico ao qual vinha se dedicando.

4 São exemplos de ocupações, em ordem de aparição: motorista, fiscal, trocadora, vendedor ambulante, locutora de rádio, policial, caseiro e caseira, guarda, deputado, secretária, capinador, barbeiro, panfleteira, catador de latinhas, vendedor de calçada, enfermeiro, professor, advogado e advogada, copeira, faxineira, recepcionista, pedreiro, armeiro, embaladora, traficante, empregada doméstica, cozinheira, operário, piloto de moto-taxi, mecânico, matador, merendeira, auxiliar de serviços gerais, assistente social, bombeiro, sociólogo, sanduicheiro, garçom, caixa de drogaria, promotor e promotora, juiz e juíza, procurador, prostituta, laranja, segurança, recursos humanos, previdência social, porteiro, caixa de supermercado, publicitário, senador, cabeleireiro, professor de

opiniões

inglês, técnico em concertos de tv e dvd, elétrica e hidráulica, explicadora, garota propaganda, fisioterapeuta, empilhador de processos, vendedor de loja e vendedora, médico e médica, gerente, peixeiro, churrasqueira, estagiários, guarda-vidas, soldado, oficial, sargento, tenente, catador de ferro velho.

⁵ Das setenta ocupações que aparecem no romance, 68,5% são ocupadas por homens contra 31,5% por mulheres, considerando nesses números aquelas profissões desempenhadas por ambos os sexos, como juiz e juíza, caseiro e caseira etc. Esses dados são reveladores porque, mesmo a maior parte da população brasileira sendo feminina, elas ainda hoje são minoria no mercado de trabalho. Segundo Lilian Nogueira Rolim (2018)

o número de mulheres economicamente ativas é de apenas 43,3%, o que está relacionado à naturalização da “dona de casa”, à gravidez ou às mães solteiras que não podem estar no mercado de trabalho. Outro dado alarmante é que as mulheres com ensino médio completo no Brasil chegam a 60,5% contra 46% dos homens, o que é em si uma contradição, dada a ausência das mulheres nas ocupações mais rentáveis. Acerca disso, é curioso observar a presença das personagens mais pobres nesse mercado de trabalho: as mulheres permanecem relegadas aos ambientes domésticos: faxineira, empregada, serviços gerais etc. enquanto que os homens marginalizados ocupam as posições que sequer são legais, tais como matador, laranja, traficante.